

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA DESAFIADORA.

Jaqueline Lalucha de Oliveira (G – UNIPAR)

Laura Mirono (G – UNIPAR)

Maria Neide da Silva Rissato (G – UNIPAR)

Otilia Luci Piccioli Gaspar (G – UNIPAR)

Sandra Silveira Urbano (G – UNIPAR)

Vanda Meiry Molinari Pugin (G – UNIPAR)

Rosângela Bressan Buosi (UNIPAR)

Introdução:

A alfabetização de jovens e adultos é um campo complexo porque envolve questões além do educacional, relacionadas à situação de desigualdade sócio-econômica e exclusão em que se encontram grande parte da população do nosso país.

Este relato aponta a experiência de uma prática educacional que considera os pré-conceitos elaborados pelo aluno e o uso de texto, como unidade básica do processo de ensino/aprendizagem.

A prática docente com adultos não alfabetizados ou pouco escolarizados evidencia a necessidade de uma organização curricular diferente, que considera o texto de uso social como um dos principais recursos.

Desde o início do processo de alfabetização, somos orientadas pela professora Rosângela Bressan Buosi e nos fundamentamos na concepção libertadora de Paulo Freire, nas pesquisas de alfabetização de Marta Durante, nos estudos da “Psicogênese” de Piaget e nas pesquisas da “Psicogênese da língua escrita” de Emília Ferreiro.

É evidente que quando iniciamos nossa “vida” acadêmica, nossas expectativas eram em torno do “eu vou ser professora” e “eu vou dar aula”. Não imaginávamos a sequência de desafios que havíamos aceitado ao ingressar no curso.

Pensávamos que a dificuldade maior seria “conseguir” e cadastrar os alunos. Tivemos sim dificuldades para “conseguir” os alfabetizados, mas estávamos no início da caminhada, tínhamos muita esperanças e expectativas em começar a alfabetizar.

No início da alfabetização, sob a orientação da nossa professora, tentamos criar um espaço para que os educandos manifestassem seus interesses de estudo, que pudessem expor suas idéias, propúnhamos discussões sobre a seleção de temas para o estudo, mas a proposta era diferente da que conheciam, eles não se percebiam aprendendo nessa forma de partilha de saberes.

Começamos a ter dificuldades: a nossa inexperiência em alfabetizar, a falta de maturidade intelectual e a falta de fundamentação (estávamos no início do processo de fundamentação teórica), juntamente com as dificuldades pessoais dos alunos foram fatores que desencadearam o processo de evasão dos educandos.

Entramos no “processo de desestruturação”, as hipóteses de alfabetização que possuíamos, as “receitas prontas” que tentávamos passar aos alunos, a falta de reflexão, “Quais são nossos objetivos?”, “Para que ensinamos isto?”,

“O que queremos que nossos alunos aprendam com isto?”. Nosso material didático também era definido por aquilo que imaginávamos que eles fossem necessitar para aprender e levávamos os nossos alunos a escrever, escrever, enchendo linhas com cópias de números e letras.

Nossas atitudes demonstravam que não entendíamos e não conseguíamos acompanhar as propostas de metodologia expressas pela nossa professora, e isto acarretava em dois grandes problemas: o primeiro é a concepção que tínhamos, de modo geral, sobre a educação de jovens e adultos que influenciava sobre nossa maneira de agir, o segundo problema eram as concepções que nós professoras tínhamos sobre o que os adultos podiam ler e escrever. Não sabíamos como fazer para que os adultos lessem e escrevessem, éramos escribas dos alunos e quando preparávamos as aulas a primeira pergunta que surgia era: “Não sei o que vou dar para meus alunos hoje”. Faltava-nos conhecimento.

A partir do “desequilíbrio” dos nossos conceitos, da orientação da nossa professora e da expressiva quantidade de fundamentação teórica que nos era incentivado buscar, percebemos que estávamos passando por um processo de reconstrução dos nossos conhecimentos, que aconteceu de forma gradual e processual, começamos a refletir sobre a teoria e a nossa prática e isto levou-nos à conquista da autonomia, sabíamos porque tomávamos as decisões, podíamos justificá-las e discutí-las.

Nossa postura não era mais a de quem dominava o conhecimento e o distribuía em doses homeopáticas, passo a passo, mas havia comprometimento e pesquisa, passamos a estudar o que seria trabalhado e isso nos dava mais segurança para conduzir aprendizagem.

Estávamos mais confiantes para o processo de “reescrita”, perdemos muitos alunos no decorrer do ano e estávamos dispostas a recuperá-los, tínhamos argumentos.

Nossa concepção de educação mudou, deixamos de “dar aula”, começamos a analisar a “totalidade do processo de construção do conhecimento” dos nossos alunos, percebíamos que o adulto, assim como a criança, cria hipóteses acerca do conhecimento (da escrita, da matemática). A sala de aula passou a ser um laboratório onde observávamos, perguntávamos, analisávamos, enfim, podíamos ver como os adultos aprendiam e aprendíamos com eles.

Assim, os primeiros resultados começaram a surgir, os alunos sentiam-se mais confiantes para arriscar na execução das atividades, se percebiam aprendendo, aprenderam a olhar para si mesmo de maneira diferente, mais do que copiar, aprenderam a escrever o próprio nome, a reconhecê-lo, a escrever palavras, a ensaiarem frases, a arriscarem textos. Desenvolveram a criticidade, a autonomia, a liberdade de opinião. Respeitaram o diferente, tornaram-se mais interessados.

Considerações Finais

Hoje não mais educamos os adultos lá para o futuro, os educamos para o dia seguinte chegar no posto de saúde e assinar o próprio nome, para que no outro dia façam seus documentos e não esteja escrito “analfabeto”, para que todos os dias reflitam sobre suas ações e decisões. E assim nós entendemos que a realização de alfabetizar se concretiza quando não ouvimos mais “eu não sei”, mas quando eles falam: “Professora, eu consegui”.

Referências

DURANTE, M. **Alfabetização de adultos**: leitura e produção de textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FUCK, I. T. **Alfabetização de adultos**: relato de uma experiência construtivista. Petrópolis: Vozes, 1993.